



# Como o Sr. Noah T. H. Porter Abriu o Meu Caminho

*O homenzinho misterioso nos prometeu  
riqueza, prestígio, um futuro brilhante. No final êle  
nos deu algo bem mais importante*

**E**U NÃO ME LEMBRAVA mais do Sr. Noah T. H. Porter. Êle e o incidente estavam enterados no fundo do meu subconsciente. Mas, quando fui ao Nôvo México para uma reportagem, tudo voltou à minha mente enquanto eu tomava chá num bar perto de Santa Fé.

“Jim Ligeiro” era o nome do bar, e Jim—ou seu substituto—estava pondo água na cafeteira quando entrei. Quando êle se virou eu engoli

em sêco—era Noah T. H. Porter!

Estava careca, barrigudo e 20 anos mais velho. Mas, sem sombra de dúvida, era Porter. A cicatriz em forma de raquete, na face direita, não deixava dúvida.

Não me reconheceu.

—Que vai querer?—perguntou.

Eu ia gritar que queria era dar-lhe um sôco no ôlho, mas respondi mansamente:

—Um chá gelado.

E enquanto êle me servia fui recordando os acontecimentos que mudaram radicalmente a minha vida.

FOI LOGO depois da Segunda Guerra. Minha mulher e eu tínhamos deixado nossos empregos para sermos escritores independentes. Talvez eu tenha sido temerário, pois nosso saldo no banco era quase nenhum.

Morávamos numa cabana nas montanhas e, se bem que o campo em volta fôsse maravilhoso, nossos manuscritos pareciam não ser. Recebíamos recusas após recusas. Logo começamos a fazer discretas indagações sobre empréstimos.

Nesse estado de espírito abrimos um telegrama de meu bom amigo George. Dizia: OPORTUNIDADE MAGNÍFICO EMPRÊGO VOLTE NOVA YORK IMEDIATAMENTE.

George é 10 anos mais velho que eu, e não passa telegramas à toa. Tomei o primeiro trem para a cidade. Êle estava-me esperando e me empurrou para um café.

—Aconteceu a coisa mais importante de minha vida—disse êle.—Conheci o Sr. Noah T. H. Porter!

Assoviei:

—Duas iniciais no meio do nome! Aposto que êle usa dois colêtes.

—Escute—disse George.—Porter trabalha para uma grande companhia de seguros. Recentemente êle tratou de um caso importantíssimo, e com tanto brilho que o cliente lhe fêz uma proposta fantástica. Já ouviu falar da Imobiliária Baker?

—Não.

—Bem—George se inclinou para a frente.—A Imobiliária Baker é uma companhia de âmbito nacional que possui ou controla centenas de prédios de apartamentos, hotéis, edifícios de escritórios. Mas é mal administrada. Está perdendo dinheiro. A organização precisa ser sacudida e modernizada. O cliente do Sr. Porter está para obter o contrôlo das ações. Quando o conseguir, o Sr. Porter vai fazer a reorganização com um salário fabuloso.

Eu bocejei:

—E onde entramos nós?

George sorriu, feliz.

—Vão dar uma vassourada de alto a baixo. Em poucos meses haverá 25 lugares de direção vagos. Vou ser gerente de uma filial . . . com 25.000 dólares por ano!

Eu ri.

—Você vai ser diretor da companhia imobiliária? Você não distingue uma hipoteca de uma mapoteca. Devem estar querendo você para testa-de-ferro!

George ficou muito ofendido.

—Pensa que não investiguei? Existe uma Imobiliária Baker, e ela tem vastas propriedades. Quanto ao Sr. Porter, êle trabalha há mais de 20 anos numa companhia de seguros de grande reputação. Dois funcionários de lá me disseram que Noah Porter é um de seus empregados mais considerados e de maior confiança.

George pôs um braço amigo em meu ombro:

—Falei com o Sr. Porter sobre você. Esqueça aquêle negócio de es-

crever, companheiro! É uma oportunidade que você não pode perder.

Concordei e, depois de gastar seis dólares numa camisa nova, fui com George conhecer o Sr. Noah T. H. Porter. Uns 10 jovens de olhar vivo já estavam em sua sala de visitas simplesmente mobiliada quando cheguei.

—Não impressiona muito—susurrei a George.

George fêz sinal para que eu me calasse. Sentamos, e depois de algum tempo uma voz autoritária chamou:

—Mandem o nôvo candidato.

Abri a porta, e para meu espanto encontrei-me numa cozinha. Sentado a uma mesa pintada de verde estava um homem baixo, magro, de meia-idade, de pernas finas mal tocando o chão de linóleo. Os olhos fundos numa testa saliente eram de um castanho astuto. Na face direita havia uma cicatriz profunda parecendo uma raquete de tênis.

—Aposto que nunca foi entrevistado numa cozinha—disse êle não sem amabilidade.—Concordei em usar meu apartamento porque meu cliente exige o maior segredo. Se nossas intenções forem conhecidas, os malandros que estão mandando podem agarrar a oportunidade para mais um golpe.

Na entrevista expliquei que tinha 24 anos, era veterano de guerra, casado—e *ex*-escritor. E acrescentei que nada sabia de imóveis.

—Não importa—disse êle imperturbável.—Gabo-me de ser um bom conhecedor de pessoas. Acho que podemos usá-lo como assistente de ge-

rente. Você começa com 17.000 dólares por ano. Mas se você der certo, poderá ganhar o que quiser. Que diz a isso?

—Será muito bom . . . senhor!

Naquela noite minha mulher e eu meditamos muito sobre a surpreendente oferta do Sr. Porter.

—Êle não pode estar querendo tomar dinheiro de nós porque não temos nenhum—argumentou minha mulher.

—Também—disse eu—há muito mais gente no negócio, e êles não parecem trouxas.

Nas semanas seguintes dei duro tentando aprender a respeito de imóveis. E cautelosamente fui fazendo amizade com outros futuros empregados de Porter. A maioria eram ex-soldados vivendo arrebatadamente um velho sonho de trincheira—um emprêgo fácil com bom salário. Alguns já tinham deixado seus empregos. Um já estava vendendo ao sócio sua parte numa modesta emprêsa de transporte. Outro estava com o casamento marcado fiando-se em seu futuro financeiro.

O Sr. Porter nos levou em excursões por Nova York e uma vez a Filadélfia. Mostrou-nos os belos edifícios pelos quais em breve seríamos responsáveis. Todos me pareciam bem conservados, mas o Sr. Porter franzia um nariz de entendido para as fundações de concreto. Finalmente, êle nos disse que seu cliente obtivera o contrôle das ações. Nós demos vivas entusiásticos.

O Sr. Porter preparou uma come-

moração de gala no Waldorf Astoria para o dia da posse.

—Cinco de outubro—disse êle.—  
Traje a rigor!

Pensei em alugar um “smoking”, mas June insistiu para que eu comprasse um:

—Com o seu nôvo cargo você vai precisar.

Ela já havia comprado um vestido de noite de cetim branco com dinheiro que George nos emprestou.

Na grande noite George, sua esposa, June e eu tomamos um táxi juntos para o Waldorf. A maioria dos outros já estava lá, falando agitadoamente no vestibulo. Logo subemos o motivo da agitação.

—O gerente nos garante que não há nada reservado para o Sr. Porter nem para a Imobiliária Baker—disse um colega.—Telefonei para a casa do Sr. Porter, mas não atendem.

—Deve ter havido alguma confusão—disse George.—O Sr. Porter com certeza usou outro nome. Todos sabemos da preocupação dêle de manter segredo.

Eu queria acreditar na explicação de George, mas, como os outros, comecei a me preocupar. Meia hora depois o Sr. Porter ainda não tinha aparecido, e George tentou telefonar outra vez. Desta vez a Sr.<sup>a</sup> Porter atendeu, muito transtornada. George repetiu o recado dela:

—Eu estava passando a ferro quando Noah entrou correndo em casa. “Eu forjei tudo!”, gritava êle. “Não sei por que fiz isso, mas é tudo um mito!” Depois agarrou uma valise e

partiu. Não sei para onde êle foi.

Ouvimos estupefatos. Alguns de nós tivemos a elegância de corar. Depois todo mundo começou a falar ao mesmo tempo. “Chamem a polícia!” “Que polícia?” Um rápido inquérito confirmou que Porter não tomara dinheiro de ninguém, apenas nos fizera de tolos.

Durante algumas semanas o grupo se manteve unido. Empréstávamos dinheiro uns aos outros e trocávamos indicações de empregos. Passado o choque tomamos rumos diferentes.

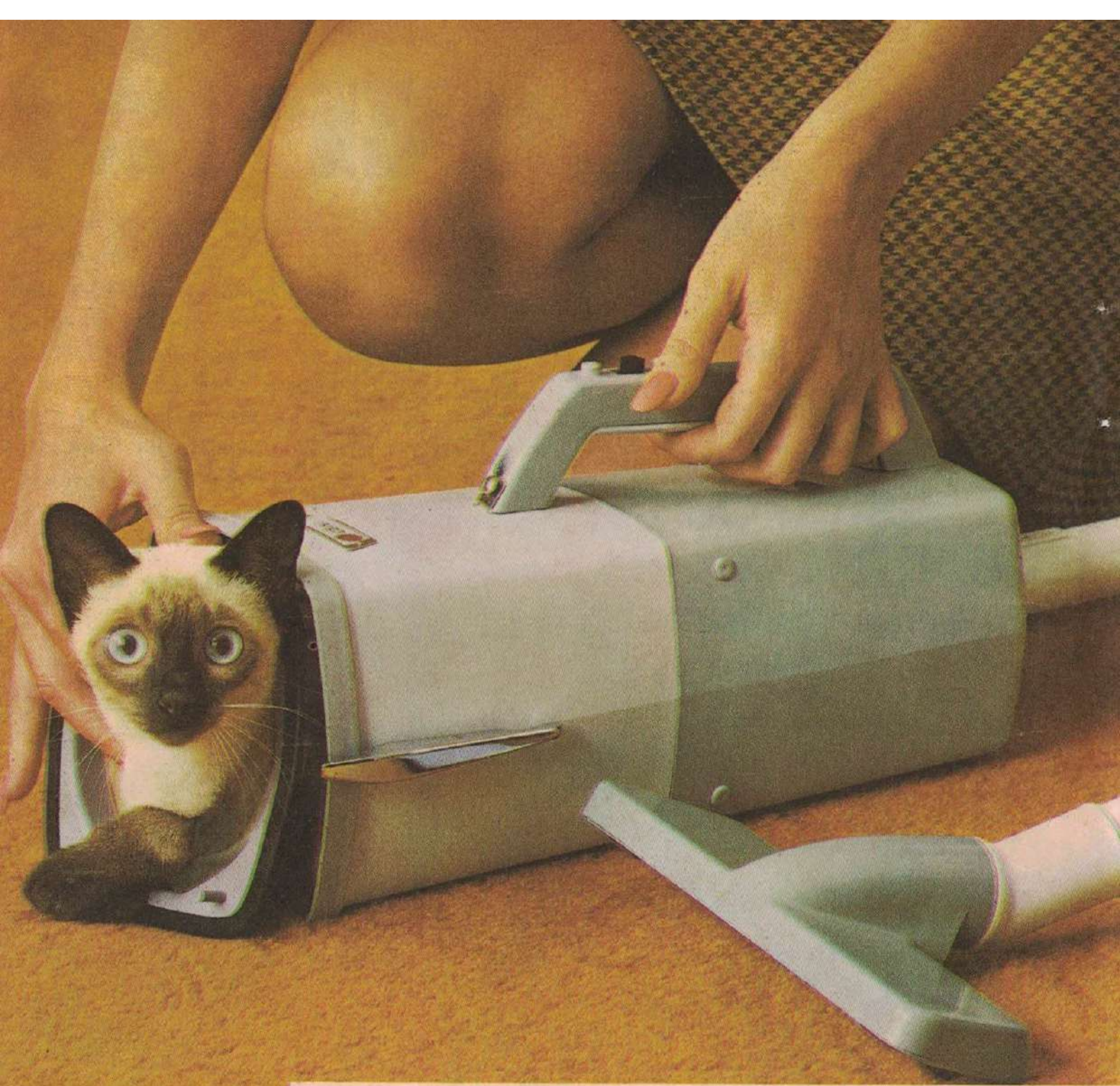
June e eu voltamos a trabalhar com nossas máquinas de escrever. Mas havia uma diferença. Não perdíamos mais tempo. Batemos naquelas máquinas até elas quase se desmontarem. Meu sogro notou a diferença imediatamente.

—Filho—disse êle—alguma coisa parece ter consolidado seu caráter.

E tinha. Noah T. H. Porter. Êle não me fizera nenhum mal. Fôsem quais fôsem as frustrações que levaram êsse funcionário competente a escapar para dentro de um sonho, êle ensinou a todos nós uma lição oportuna: que cada um tem de fazer a sua própria sorte neste mundo.

MEU CHÁ gelado já tinha acabado há muito tempo quando ergui os olhos de meus pensamentos. Porter—ou que nome êle usasse agora—perguntou se eu queria mais. Parecia velho e cansado e eu não senti mais a vontade de socá-lo no ôlho.

—Não. Chega. E obrigado. Muito obrigado!



**Seria  
afirmar**

**exagêro**

que os aspiradores de pó Arno têm um motor de tamanha potência, que seu gato corre risco de ser "aspirado" enquanto você trabalha. Mas podemos garantir que o motor é o mais potente e silencioso. Há três modelos à sua escolha: O tradicional Arno, de sucção poderosa, insubstituível na limpeza de ambientes amplos, e os moderníssimos

Arno Júnior e Júnior Super, mais leves e compactos, dotados de numerosos acessórios, ideais para apartamentos e casas menores. As outras vantagens, você vai descobrir por si mesma. Para não pensar que é exagêro.



**ARNO**